

# Introdução à obra *Routledge Handbook of Physical Cultural Studies*, organizada por Michael L. Silk, David L. Andrews e Holly Thorpe<sup>1</sup>

Vitor Hugo Marani<sup>1\*</sup>, Ariane Boaventura da Silva Sá<sup>2</sup> e Larissa Michelle Lara<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal de Mato Grosso, Pontal do Araguaia, Mato Grosso, Brasil. <sup>2</sup>Programa de Pós-graduação Associado em Educação Física UEM-UEL, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Paraná, Brasil. \*Autor para correspondência. E-mail: [vitor.marani@ufmt.br](mailto:vitor.marani@ufmt.br)

**RESUMO.** O presente manuscrito refere-se à tradução do texto introdutório à obra *Routledge Handbook of Physical Cultural Studies*, coletânea organizada por Michael Silk (Universidade de Bournemouth, Inglaterra), David Andrews (Universidade de Maryland, Estados Unidos) e Holly Thorpe (Universidade de Waikato, Nova Zelândia). A referida obra é composta por 58 capítulos, sistematizados em nove seções, com total de 610 páginas em língua inglesa, reunindo 89 pesquisadores/as de diferentes países, com o objetivo de apresentar o estado da arte do *Physical Cultural Studies/PCS* (Estudos Culturais Físicos). Como desdobramento dos Estudos Culturais britânicos e como complemento à Sociologia do Esporte, o PCS preocupa-se em identificar, entender e intervir nas relações de poder materializadas na complexa gama de expressões da cultura física (como esporte, *fitness*, dança, lazer, entre outras), a partir de análises contextuais da fisicalidade atravessada por marcadores sociais de diferença. É a partir dessa introdução que aspectos históricos, epistemológicos e metodológicos do PCS são lançados e que se apresentam esforços para uma definição desse campo. Compõe também a introdução a sistematização do ato de 'fazer PCS', por meio de oito dimensões (empírica, contextual, transdisciplinar, teórica, política, qualitativa, autorreflexiva e pedagógica). Por fim, com a referida tradução, espera-se favorecer o acesso da comunidade acadêmica brasileira ao PCS, em seus aspectos fundamentais, por meio de temas notadamente voltados ao corpo e às relações e efeitos do poder social que atravessam a cultura física.

**Palavras-chave:** corpo; cultura física; poder; estudos culturais; sociologia do esporte.

## Introduction to *Routledge Handbook of Physical Cultural Studies*, edited by Michael L. Silk, David L. Andrews and Holly Thorpe

**ABSTRACT.** The present manuscript refers to the translation of the introductory text of the *Routledge Handbook of Physical Cultural Studies*, edited by Michael Silk (University of Bournemouth, England), David Andrews (University of Maryland, United States) and Holly Thorpe (University of Waikato, New Zealand). The book is composed of 58 chapters, organized in nine sections, with a total of 610 pages in English, bringing together 89 researchers from different countries, with the aim of presenting the state of the art of *Physical Cultural Studies/PCS*. As an outcome of British Cultural Studies and as a complement to the Sociology of Sport, the PCS is concerned with identifying, understanding and intervening in the power relations materialized in the complex expressions of physical culture (such as sport, fitness, dance, leisure, among others), from contextual analysis of physicality crossed by social lines of difference. It is from the introduction of the book that historical, epistemological and methodological aspects of the PCS are provided, showing efforts for a definition of this field, as well as initial systematizations that concern the act of 'doing PCS', through eight dimensions that compose it (empirical, contextual, transdisciplinary, theoretical, political, qualitative, self-reflective and pedagogical). Finally, with this translation, it is expected to expand the access of the Brazilian academic community to the introduction to the PCS, in its fundamental aspects, through themes notably focused to the body and on the relations and effects of social power that cross physical culture.

**Keywords:** body; physical culture; power; cultural studies; sociology of sport.

<sup>1</sup> Silk, Andrews, & Thorpe (2017). Agradecemos ao Prof. Dr. Michael L. Silk, ao Prof. Dr. David L. Andrews e à Profa. Dra. Holly Thorpe – editores da obra *Routledge Handbook of Physical Cultural Studies* – e à Editora Routledge e ao Taylor & Francis Group, via PLSclear, pela permissão para publicarmos a introdução à referida obra traduzida para a língua portuguesa. A revisão da tradução foi financiada em parte pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de financiamento 001 e contou com o apoio do Programa de Pós-graduação Associado em Educação Física UEM-UEL.

## Introducción al *Routledge Handbook of Physical Cultural Studies*, editado por Michael L. Silk, David L. Andrews y Holly Thorpe

**RESUMEN.** El presente manuscrito se refiere a la traducción del texto introductorio del *Routledge Handbook of Physical Cultural Studies*, una colección editada por Michael Silk (Universidad de Bournemouth, Inglaterra), David L. Andrews (Universidad de Maryland, Estados Unidos) y Holly Thorpe (Universidad de Waikato, Nueva Zelanda). Esta obra está compuesta por 58 capítulos, sistematizados en nueve secciones, con un total de 610 páginas en inglés, que reúnen a 89 investigadores de diferentes países, con el objetivo de presentar el estado del arte de *Physical Cultural Studies/PCS* (Estudios Culturales Físicos). Como despliegue de los Estudios Culturales Británicos y como complemento de la Sociología del Deporte, los PCS se ocupan de identificar, comprender e intervenir en las relaciones de poder materializadas en la compleja gama de expresiones de la cultura física (como los deportes, el fitness, las danzas, el ocio, entre otros), a partir de análisis contextuales de la fisicalidad atravesada por marcadores sociales de diferencia. Es a partir de esta introducción que se lanzan aspectos históricos, epistemológicos y metodológicos de los PCS y se presentan los esfuerzos para una definición de este campo. La introducción también incluye la sistematización del acto de ‘hacer PCS’, a través de ocho dimensiones (empírica, contextual, transdisciplinaria, teórica, política, cualitativa, autorreflexiva y pedagógica). Finalmente, con esta traducción, se espera favorecer el acceso de la comunidad académica brasileña al PCS, en sus aspectos fundamentales, a través de temas enfocados notablemente en el cuerpo y las relaciones y efectos del poder social que atraviesan la cultura física.

**Palabras clave:** cuerpo; cultura Física; poder; Estudios culturales; sociología del deporte.

Received on May 20, 2021.  
Accepted on August 18, 2021.

## Introdução

Ao longo das últimas duas décadas, aproximadamente, houve uma mudança notável quanto à identificação e ao engajamento da cultura física como um campo empírico de estudo (Adair, 1998; Atkinson, 2010; Brabazon, McRae, & Redhead, 2015; Hargreaves & Vertinsky, 2007; Hughson, 2008; Kirk, 1999; McDonald, 1999; Phoenix & Smith, 2011; Pronger, 1998). Enquanto alguns/as autores/as podem ter utilizado o termo ‘cultura física’ como uma espécie de antídoto descritivo para o termo empiricamente limitante ‘esporte’, outros/as claramente têm aspirações mais amplas e procuram avançar em um projeto intelectual centrado no estudo transdisciplinar da cultura física: o que tem sido denominado como Estudos Culturais Físicos (*Physical Cultural Studies/PCS*) (Andrews, 2008; Atkinson, 2011; Brabazon et al., 2015; Ingham, 1997; Pavlidis & Olive, 2014; Silk & Andrews, 2011; Thorpe, 2011; Vertinsky, 2015). A emergente formação intelectual que é o PCS não envolve a cultura física da *spartakiad* soviética, nem as ideias do movimento da cultura física do final do século XIX e início do século XX. Em vez disso, o PCS incorpora uma abordagem relacional e pluralista para a compreensão da cultura física, cujas várias expressões da corporificação ativa (incluindo, mas certamente não se restringindo aos exercícios; ao condicionamento físico; à saúde; ao movimento; ao lazer; à recreação; à dança; e às práticas esportivas) são abordadas como elementos constituintes da formação conjuntural mais ampla da qual foram formados. Além disso, esse entendimento baseia-se no pressuposto de que a própria natureza da cultura física a torna um local empírico complexo, no qual são incorporados vários níveis inter-relacionados que podem ser experienciados e, com isso, examinados a partir de diversos aspectos, incluindo o socioestrutural, o discursivo, o processual, o institucional, o coletivo, o comunitário, o corporal, o afetivo e o subjetivo.

## ‘Gênesis’ e germinação

O simples fato de cada um dos editores desta obra possuir suas próprias – e marcadamente distintas – narrativas acerca do surgimento do PCS é um indício da existência de vários espaços e tempos como origem desse projeto. Em outras palavras, diferentes pesquisadores/as localizados/as em distintas partes do mundo (alguns/as em grupos, outros/as em isolamento relativo) têm, por várias razões (empíricas, teóricas e/ou metodológicas), conduzido uma virada (nos estudos) da cultura física no interior de seus próprios trabalhos, e têm, conscientemente ou não, contribuído para a integração da formação intelectual ou da sensibilidade, que reconhecemos ser o PCS. Reformulando um pouco as reflexões de Stuart Hall (1992) acerca do surgimento dos estudos culturais, o PCS apresenta múltiplas trajetórias, diferentes formas de materialização, distintas histórias em diversas disciplinas e localizações geográficas; é uma série de variadas conjunturas, formações e momentos.

Longe de ser uma formação institucionalizada coerente, o PCS é uma congregação intelectual em permanente estado de devir. Não possui origens, histórias, fronteiras disciplinares ou trajetórias fixas; ao invés disso, é um local de luta interna e externa para, precisamente, tornar-se o que deveria e poderia ser, agora e, talvez mais importante, no futuro. Portanto, há uma tensão intelectual generativa e necessária na base do PCS; um dinamismo que atrapalha tanto quanto delinea, à medida que o projeto responde às conjunturas que se desdobram ou aos espaços-problema que ele confronta (Grossberg, 2010). Previsivelmente, e mais uma vez com Hall (1992, p. 277), o surgimento do PCS como uma ‘novidade’ na comunidade internacional de estudiosos da sociologia do esporte foi marcado por certo grau de “[...] mau pressentimento, discussão, inquietações e silêncios raivosos [...]” derivados, em parte, da extrema ansiedade e entusiasmo de alguns/as dos/as primeiros/as defensores/as, cujas falhas em atribuir a complexa genealogia do PCS, compreensivelmente, incomodaram alguns/as (Adams et al., 2016). Buscando aprender com os descuidos anteriores, procuramos reconhecer nesta coletânea a complexa origem e a pluralidade do PCS, reunindo estudiosos/as com uma multiplicidade de conhecimentos ontológicos, teóricos e metodológicos cujo trabalho ajuda, simultaneamente, a estabelecer, apoiar e expandir as fronteiras contingentes, desde sempre existentes, do PCS. Evidentemente, não estamos buscando oferecer uma metanarrativa definitiva sobre o que é ou o que deveria ser o PCS, mas nos esforçando para reunir diferentes tensões, posicionamentos, debates, políticas e assim por diante, de modo a pensar produtivamente sobre como o PCS poderia ser uma abordagem emergente para a compreensão da corporificação ativa.

Embora este livro forneça uma plataforma para marcar as fronteiras – necessariamente fluidas e permeáveis – do PCS em suas atuais e complexas iterações, esta breve introdução nos oferece a oportunidade de ofertar nosso próprio ponto de vista. Mais uma vez, a partir do reconhecimento de que há tantos fatores motivadores por trás da mudança das pessoas para a cultura física quanto existem discretas expressões do PCS na prática, só podemos oferecer uma genealogia inevitavelmente pessoal e, alguns/as podem alegar, paroquial, do PCS. Ao invés de falarmos de forma autoritária, repudiamos qualquer *status* e/ou influência intelectual atribuídos ou obtidos que possamos (ou não) ter acumulado, e, em vez disso, posicionamo-nos como sendo uma contribuição para o diálogo contínuo com o PCS. De acordo com nosso entendimento, o PCS é um projeto coletivo e democrático que incorpora uma tensão produtiva de focos divergentes, pontos de vista e opiniões (muito) ligeiramente unidas por uma preocupação comum em entender a existência, a operação, os efeitos e as relações de poder, conforme são manifestos no interior e por meio do campo complexo e contextual da cultura física. Com esse dinamismo crítico no seu núcleo gerador, o PCS luta contra a inércia criada pela adoção ‘demasiadamente fácil’ de certezas empíricas, teóricas e/ou metodológicas. Posto de outro modo, no sentido freireano (Freire, 2000), afirmamos que o PCS é uma comunidade de aprendizagem dialógica, na medida em que seus/suas defensores/as estão em conversas ou diálogos críticos e construtivos entre si como parte essencial do processo de aprendizagem (ao invés de terem conhecimentos e entendimentos impostos a eles/as). Diálogo é, portanto, entendido como “[...] nunca um fim em si mesmo, mas um meio de desenvolver uma melhor compreensão sobre o objeto do conhecimento” (Macedo, 2000, p. 18). Nesse sentido, o PCS visa estimular a “[...] reflexão e a ação dialógica sobre o mundo para transformá-lo” (Freire, 2000, p. 51; ver também a discussão de Donnelly e Atkinson, 2015, sobre uma sociologia do esporte pública). A discussão em curso a respeito do PCS, base desta coletânea, tem como objetivo coproduzir entendimentos associados ao objeto de conhecimento do campo: chamado, em geral, de cultura física e, mais especificamente, a maneira pela qual locais, formas e/ou expressões específicas da cultura física são organizadas, disciplinadas, corporificadas, representadas e experienciadas em relação às operações de poder social.

## Provocações

Como mencionado anteriormente, é importante reconhecer que o PCS – ou pelo menos suas sensibilidades constituintes ou complementares – tem sido germinado, discutido e até centrado em vários espaços acadêmicos e não acadêmicos. Para nós, a cultura física e, mais especificamente, Estudos Culturais Físicos (*Physical Cultural Studies*) são uma resposta a uma série de ameaças intelectuais (e institucionais), ambiguidades e/ou inadequações. De fato, a (bio)cientificação aparentemente incansável da cinesiologia/estudos do esporte (e a desvalorização que acompanha as ciências humanas e sociais no pensamento cinesiológico) foi identificada como um fator fundamental que contribuiu para a gênese e o desenvolvimento do PCS (Andrews, Silk, Francombe, & Bush, 2013; Andrews, 2008; Ingham, 1997; Silk, Francombe, & Andrews, 2013). No entanto, a cientificação do nosso campo de estudo acadêmico certamente

não é o fator mais convincente que pode explicar o início e o crescimento do PCS. Informados por uma variedade de influências intelectuais (principalmente, no nosso caso, estudos culturais, estudos do corpo, feminismo, sociologia, estudos de mídia, história, geografia cultural, psicologia crítica e estudos urbanos), o desenvolvimento da natureza transdisciplinar, transteórica e transmetodológica de nosso trabalho colocou o PCS em conflito com distintos limites de diversas disciplinas (como a sociologia ou subdisciplinas como a sociologia do esporte), em particular, a partir do seu sentido tradicional. Na verdade, descobrimos que essas nomenclaturas, na melhor das hipóteses, são cada vez mais vagas e apresentam descritores imprecisos da nossa prática de pesquisa e objetos de estudo. Além disso, nosso foco empírico inicial e nosso entendimento de esportes de alto rendimento, olímpicos ou corporativos (Andrews, 2006; Donnelly, 1996) foram complicados pelo reconhecimento da universalidade, ainda que imprecisa, do esporte como substantivo coletivo. Assim, à medida que a nossa pesquisa se aventurava mais nos domínios do lazer, do *fitness*, da recreação, dos estilos de vida, do movimento, da cultura popular, da educação e da saúde, chegamos a questionar a pertinência conceitual (e a natureza demasiadamente determinante) do esporte como fenômeno capaz de capturar a amplitude empírica do nosso trabalho. Para nós, ao contrário de alguns/as de seus/suas destacados/as defensores/as (Harris, 2006), a sociologia do esporte falhou em refletir a diversidade disciplinar e empírica que opera sob o termo 'esporte', tornando-o, na melhor das hipóteses, um descritor relevante apenas para um segmento dessa comunidade intelectual diversificada e, na pior das hipóteses, uma bandeira anacrônica de conveniência.

Até o momento, as contribuições mais consideradas e aceitas para o debate sobre a cultura física são, sem dúvida, as que compõem a *Physical Culture, Power and the Body* (2007), antologia editada por Jennifer Hargreaves e Patricia Vertinsky; os manuscritos da edição especial do *Sociology of Sport Journal* acerca do *Physical Cultural Studies* (Silk & Andrews, 2011) e vários colaboradores na obra *Playing for Change* (2015), de Russell Field (talvez, especialmente, Vertinsky, Donnelly & Atkinson). A virada para a cultura física, evidenciada nesses trabalhos, está intimamente ligada e foi impulsionada pela maior atenção dada ao corpo e às questões de corporificação nas pesquisas da sociologia do esporte. Além disso, uma vez que a sociologia do esporte reconheceu sua ênfase inevitavelmente incorporada, como ilustrado por inúmeros artigos de periódicos; focos de conferências e apresentações em eventos acadêmicos, o campo se afastou gradualmente de sua estreita preocupação com o esporte e ampliou seu escopo empírico para incluir uma maior variedade de expressões da cultura física.

Como evidenciado nesta obra, nem todos/as os/as expoentes do PCS (de fato, talvez uma minoria) estão localizados/as nos Departamentos de Cinesiologia/Esporte e/ou têm antecedentes no interior da área. Precipitada em grande parte pelas influentes obras de numerosas estudiosas feministas (Berlant, 1991; Bordo, 1993; Butler, 1993; Grosz, 1994; Haraway, 1991), a virada para o corpo, no interior da comunidade acadêmica mais ampla (manifestada, especificamente, a partir dos estudos culturais e áreas afins, como estudos de gênero, saúde, geografia social e cultural, estudos de lazer, estudos de mídia, estudos *queer*, estudos raciais e étnicos, estudos urbanos, estudos de juventudes etc.), e a crescente atenção voltada aos processos, às práticas e à política de corporificação estimularam um repensar da cultura física (em sua multiplicidade de manifestações) como um domínio empírico relevante e ressonante. Ao mostrarem um palpável descontentamento acadêmico, numerosos/as pesquisadores/as localizados/as fora da existente comunidade da sociologia do esporte, passaram a reconhecer a cultura física como uma via legítima e, de fato, significativa, para uma investigação intelectual crítica sobre a relação entre corpo, poder e cultura. Certamente, na última década ou mais, houve um desenvolvimento gradual e discernível da cultura física, no qual os irrefutáveis significados social, cultural, político e econômico da cultura física infiltraram-se em algumas das mentes acadêmicas mais intransigentes. Juntamente com o colapso (pode-se considerar quase uma inversão) das distinções acadêmicas tradicionais entre as formas de alta e baixa cultura como objetos legítimos de análise, a cultura física (incluindo o esporte organizado, a dança, o exercício, a saúde, o lazer, o movimento, a recreação e as práticas relacionadas à reabilitação) passou a ocupar atenção crítica de pesquisadores/as de campos tão diversos quanto os estudos americanos, antropológicos, arquitetônicos, de gênero, geográficos, latino-americanos, de mídia e comunicação, raciais e étnicos, e urbanos (Barratt, 2012; Cook, Shaw, & Simpson, 2015; Hill, 2016; Powers & Greenwell, 2017; Qviström, 2013; Worthen & Baker, 2016). Embora muitos/as possam não ter compreendido a área ao, euforicamente, descobrirem a cultura física – muitas vezes com pouco ou nenhum reconhecimento do trabalho que precedeu o deles/as, ainda assim estão contribuindo com o corpo de conhecimento. No entanto, o reconhecimento da cultura física como objeto central da

pesquisa foi apenas um primeiro (embora importante) passo para imaginar e legitimar o PCS como uma abordagem para estudar a política da corporificação (in)ativa.

## Um esforço de definição

Conforme indicado em nossas observações preliminares, houve uma mistura palpável (poderíamos argumentar saudável) de defesa, hostilidade e desdém em relação ao PCS, equilibrado com o crescimento e a expansão (em termos intelectuais e geográficos) do engajamento e do desenvolvimento do campo (do qual esta obra é testemunha). Dentro desse contexto, este livro está comprometido em desenvolver explicações cada vez mais precisas do foco, da estrutura, do objetivo, das margens críticas e do valor do PCS (Atkinson, 2011; Silk & Andrews, 2011; Thorpe, Barbour, & Bruce, 2011; Vertinsky, 2015). Além disso, para evitar a indeterminação, que dificultou o crescimento dos estudos culturais, de maneira geral, vemos essa coleção como um passo em direção à definição das possibilidades do PCS – embora, longe de uma grande narrativa. A falta de vontade coletiva para delinear os parâmetros do projeto controverso dos estudos culturais criou uma situação em que “[...] a recusa em defini-lo se torna a chave para entender o que ele é” (Grossberg, 1997, p. 253). Para o PCS, isso não é simplesmente uma situação, de forma alguma, consciente, estratégica ou duradoura.

Até esse ponto, no entanto, o PCS falhou em demarcar qualquer senso coerente ou consistente de seus próprios parâmetros. Isso pode ser parcialmente atribuído às críticas que, inevitavelmente, acompanham qualquer esforço de definição. De modo geral, isso assume duas formas. A primeira são as críticas antecipadas e, de fato, muito bem-vindas, ocasionadas pela definição ‘inicial’ (Andrews, 2008) e por aquelas que (às vezes precoces, às vezes vivazes, às vezes ambas) avançaram em ramificações múltiplas – em diferentes graus – nas sensibilidades desse esforço de definição. Qualquer tentativa de definir um fenômeno intelectual é obrigada a suscitar discordância e contradefinição de um ou mais elementos em particular (empíricos, teóricos, metodológicos ou axiológicos) ou, de fato, se empenhar para uma definição *in toto*. Esses esforços são, portanto, os pontos de partida e, estimulantes subsequentes para os engajamentos dialógicos por meio dos quais o projeto PCS toma forma e, conseqüentemente, amadurece. Portanto, aqueles/as, em qualquer sentido, comprometidos/as com o desenvolvimento do PCS são desafiados/as a contribuir para o diálogo de definição: oferecer definições e contradefinições em que o PCS pode avançar e pode realizar sua dinâmica perpétua como um projeto sempre em processo de devir/tornar-se. Eles precisam ser suficientemente ousados para articular seus próprios pensamentos de definição, reconhecendo que a crítica é o corolário inevitável, mas que o avanço dialógico é o resultado final – e essa coletânea está recheada com tais relatos e progressos. A segunda forma de crítica, que atende a qualquer esforço de definição, está ligada à posição de autoridade que parece ser assumida pelos/as definidores/as. Isso leva ao questionamento de o que, exatamente, dá a um indivíduo ou a um grupo de indivíduos o direito de falar por, nesse caso, um crescente projeto intelectual? Que senso equivocado de legitimidade intelectual encoraja tais esforços de definição? Esse tipo de crítica é válido, mas apenas se as definições oferecidas são posicionadas como absolutas e incomparáveis. Se elas – como no caso do PCS – são enquadradas, esperançosamente, como catalisadores sugestivos para uma relevante deliberação, não podem ser criticadas por nenhuma ambição totalizante. Outros/as podem ler esse esforço de definição como uma tomada de autoridade, mas não é necessariamente essa a ideia. É claro que a vida intelectual é estruturada de maneira a proporcionar primazia e privilégio às vozes das figuras cujos *status* e influência são derivados de seu capital intelectual acumulado. Embora compreensível em campos mais estabelecidos, o surgimento recente do PCS indica que ele é um espaço intelectual menos hierárquico e atualmente mais aberto a uma infinidade de influências geracionais.

Definições tendem a dividir tanto quanto tendem a unir; o PCS incorpora vários pontos de contestação que podem alienar, assim como podem interpolar potenciais defensores. No entanto, para nós, o PCS não deve ser reduzido a uma abordagem generalista do estudo da cultura física e, por isso, é necessário incorporar dimensões empíricas, teóricas, metodológicas e axiológicas específicas por meio das quais cada pesquisador/a reconhece, ou não, a si mesmo/a e o seu trabalho no interior do campo de estudo. Isso não quer dizer que qualquer definição de PCS seja fixa ou irrefutável, ao invés disso, a autorreflexividade inerente ao projeto demanda constante revisão e reflexão crítica. Portanto, aqueles/as envolvidos/as e que estão investindo no PCS são encarregados da responsabilidade – eles/as são os/as guardiões/ãs – pela própria existência do PCS. É nesse sentido que o PCS deve ser considerado uma comunidade de aprendizagem dialógica, (re)gerado por meio de conversas (ou diálogos) críticas e construtivas, em vez de caracterizado pela imposição de

conhecimento externamente derivado (Freire, 2000). Qualquer esforço de definição deve ser considerado generativo em oposição a ser definitivo. Isso pretende ser um estímulo ao diálogo, e não um ato de dominação intelectual. Não está escrito a partir de qualquer senso equivocado de autoridade ou onipotência do PCS; ao contrário, é oferecido por pessoas que se autoidentificam como membros da comunidade de aprendizagem do PCS, mas que continuam a lutar para conceituar adequadamente o projeto do PCS.

Apresentada a importância de uma prática de definição em andamento para o PCS, somos compelidos a fornecer as seguintes observações como ponto de partida para o que está presente nesta coletânea:

O PCS é um projeto intelectual transdisciplinar dinâmico e autorreflexivo, enraizado em formas qualitativas e críticas de investigação. Seu objeto de pesquisa é o domínio diverso da cultura física (incluindo, mas não se restringindo ao esporte, ao condicionamento físico, ao exercício, à recreação, ao lazer, ao bem-estar, à dança e às práticas de movimento relacionadas à saúde).

O PCS preocupa-se com o processo de teorização do empírico, a partir da identificação, da interpretação e da intervenção nas formas pelas quais a cultura física – relacionada às estruturas e instituições, espaços e locais, discursos e representações, subjetividades e identidades e/ou práticas corporificadas – é vinculada ao amplo contexto social, econômico, político e tecnológico.

Ao contextualizar a cultura física dessa maneira, o PCS procura explicar como corpos ativos tornam-se organizados, disciplinados, representados, corporificados e experienciados na mobilização (ou corroboração), ou, às vezes, na imobilização (ou resistência) das inflexões e operações conjunturais de poder no interior de uma sociedade.

Como forma de pedagogia crítica, o PCS visa gerar e circular um tipo de conhecimento que poderia tornar indivíduos e grupos capazes de discernir, desafiar e, potencialmente, transformar estruturas e relações de poder existentes, à medida que se manifestam e são experienciadas dentro, e por meio, do complexo campo da cultura física.

A partir desse esforço de definição, nós pudemos expor brevemente o que consideramos ser os principais elementos da congregação PCS. No entanto, diferentemente das discussões anteriores (Andrews & Silk, 2016), aqui não estamos avançando em um modelo prescritivo do PCS. Em vez disso, imaginamos que ele seja uma congregação intelectual dinâmica que incorporaria algumas, se não necessariamente todas, as seguintes dimensões, conforme os/as pesquisadores/as delineiam organicamente sua prática de pesquisa (Marcus & Saka, 2006) para a escala empírica e para o objeto de estudo específicos:

- Empírica: o foco do PCS está na cultura física e, mais especificamente, na maneira como formas específicas de cultura física estão organizadas, disciplinadas, representadas, incorporadas e experienciadas em relação às operações de poder social. Embora reconheça o corpo humano como sujeito e objeto da cultura física, o PCS não pode ser reduzido a estudos fenomenológicos do movimento corporal. A cultura física e, portanto, o PCS, abrange uma variedade de locais empíricos e uma profundidade de dimensões/escalas empíricas. No interior de seu alcance empírico, o PCS inclui atividades organizadas a partir do esporte, do condicionamento físico, do exercício, da recreação, do lazer, do bem-estar, da dança e da saúde relacionadas às práticas de movimento. Além disso, essas formas culturais físicas podem ser envolvidas em dimensões/escalas empíricas que variam do macro ao micro: da estrutura e instituição ao discurso e à representação; da subjetividade e identidade às experiências práticas e à corporificação.

- Contextual: PCS oferece uma abordagem para o estudo da cultura física que é necessariamente contextual tanto na forma quanto no objetivo. É antirreducionista, pois qualquer expressão cultural física não pode ser reduzida a um efeito singular ou simples (ou seja, social, econômico, político ou tecnológico). Os fenômenos culturais físicos são agregados de relações e efeitos de múltiplas e determinantes intersecções. Mapear o contexto (o agregado de relações determinantes) em que expressões da cultura física são estruturadas, tornadas significativas e experienciadas, representa o imperativo contextual e o resultado do PCS. Além disso, a dimensão contextual é baseada na suposição dialética, embora de modo minucioso, de que práticas culturais físicas atuam como elementos constitutivos do contexto maior pelo qual são simultaneamente constituídas.

- Transdisciplinar: o PCS não pode ser considerado, nem deve aspirar a ser, uma disciplina acadêmica. Pelo contrário, sua amplitude de engajamento empírico – focado numa ampla variedade de formas e dimensões/escalas da cultura física – necessita de uma abordagem verdadeiramente transdisciplinar. Como tal, o PCS empresta de maneira seletiva vários objetos, métodos e teorias de pesquisa de campos/disciplinas (como aqueles extraídos de estudos do corpo, estudos culturais, economia, estudos de gênero e sexualidade, história, estudos de mídia, filosofia, ciência política, estudos étnicos, sociologia e estudos urbanos). As

formações transdisciplinares do PCS são, portanto, fluidas e totalmente dependentes da forma e da dimensão/escala da cultura física que está sob escrutínio.

- Teórica: PCS é caracterizado por um compromisso com a teoria social e cultural como quadros importantes que informam o engajamento empírico e a interpretação. No entanto, isso não faz supor uma adesão servil a uma posição teórica singular, uma vez que a diversidade empírica do projeto evita a adoção de uma abordagem totalizante. A pesquisa PCS requer um engajamento crítico com a teoria: um debate com teses específicas para identificar o que é útil e apropriado no interior de um local empírico particular, descartando/reformulando o que não é. Portanto, o PCS requer o desenvolvimento de um vocabulário teórico amplo e flexível, capaz de atender às extensas demandas interpretativas de suas diversas competências empíricas.

- Política: PCS é um projeto político comprometido com o avanço das formações sociais em que está localizado. Dessa forma, pesquisadores/as aderem a uma compreensão inequívoca de política como prática intelectual preocupada em discernir a distribuição, as operações e os efeitos do poder e das relações de poder. O PCS é baseado no pressuposto de que as sociedades são, fundamentalmente, divididas em linhas ordenadas de diferenciação hierárquicas (ou seja, aquelas baseadas em classe, etnia, gênero, habilidade, geração, nacionalidade, raça, e/ou normas sexuais), como manifestadas na existência de iniquidades socioculturais ou injustiças; vantagens ou desvantagens; habilitações ou restrições; empoderamentos ou desempoderamentos. Por esse motivo, e como parte de seu compromisso mais amplo com a mudança social progressiva, pesquisadores/as do PCS engajam criticamente a cultura física como um local onde essas divisões e hierarquias sociais são ordenadas, experienciadas e, às vezes, contestadas. Os locais de luta política – ou espaços de problemas – no interior da cultura física, por meio dos quais o poder social é manifestado e operacionalizado, são mutáveis e requerem igual dinamismo nas ênfases estratégicas no PCS.

- Qualitativa: o PCS é predominantemente (embora de modo não exclusivo) um projeto qualitativo que procura interpretar e entender (em oposição a prever e tentar controlar) o domínio diverso da cultura física como uma construção social, cultural, política, econômica e tecnológica. Por meio da adesão a uma abordagem enraizada em formas específicas de investigação qualitativa, o PCS fornece um contraponto ao cientificismo positivista que domina cada vez mais a vida acadêmica. A pesquisa qualitativa abrange uma matriz múltipla de métodos interpretativos (ao contrário dos preditivos) projetados para extrair representações do mundo social, em que esse mundo e suas experiências são interpretados. A abordagem carregada de valores do PCS quanto à investigação qualitativa está enraizada em um intelectualismo humanista – uma senda aberta por muitos/as que colocaram suas cabeças acima do parapeito em uma variedade de disciplinas – motivado pela identificação e eliminação de disparidades e desigualdades, pela luta por justiça social e pelo asseguramento dos direitos humanos universais.

- Autorreflexiva: a pesquisa e os/as pesquisadores/as do PCS são motivados/as por sua subjetividade moral e compromissos políticos, tornados explícitos dentro e por meio das escolhas e etapas do trabalho. Portanto, o PCS evita o suposto objetivismo ‘livre de valor’ das ciências positivistas em favor de um subjetivismo ‘carregado de valor’, enraizado em uma abordagem crítica guiada por propósitos explicitamente humanistas. O ‘eu’ está, assim, inevitavelmente situado na prática da pesquisa e precisa ser refletido como tal. As variadas etapas localizadas no projeto também são amplamente reflexivas na medida em que reconhecem a necessidade de estar atentas e, às vezes, transformam-se em resposta às condições institucionais, sociais e/ou históricas específicas que enfrentam.

- Pedagógica: o PCS representa uma forma de pedagogia pública designada para impactar as comunidades de aprendizagem na Academia, na sala de aula e em públicos mais amplos. Seja ensinando, escrevendo, apresentando, consultando, defendendo, protestando, agitando, comunicando em massa e/ou orientando, os/as estudiosos/as do PCS utilizam os produtos de seus trabalhos de pesquisa para a circulação de conhecimento, com o intuito, muitas vezes, de coproduzir conhecimentos com comunidades mais amplas. Esse compromisso pedagógico é motivado pelo objetivo de tornar indivíduos e grupos capazes de discernir, desafiar e, potencialmente, transformar estruturas e relações de poder existentes, enquanto se manifestam e são experienciadas por meio do complexo campo da cultura física.

## Evoluções

Do nosso ponto de vista, o PCS é um esforço intelectual crítico comprometido com a realização de uma mudança social progressiva, por meio da geração e disseminação de conhecimentos relacionados à cultura física, permitindo que indivíduos e grupos possam discernir, desafiar e, potencialmente, transformar as

estruturas e as relações de poder existentes. No entanto, e embora desconcertante para alguns/as, o compromisso do PCS com uma conjuntura ontológica e epistemológica está enraizado no seu dinamismo perpétuo; ele tem um comprometimento incessante com o futuro por meio da produção dialógica de entendimentos cada vez mais aguçados do presente. A qualquer momento, a luta pela definição do PCS – sobre o que é, bem como a formação mais presciente do projeto – será travada. Conversas e confrontos desconfortáveis continuarão ocorrendo a fim de garantir que o PCS mantenha seu dinamismo intelectual e sua relevância política (por medo de cair na armadilha do método científico de geração de conhecimento moribundo, resultante da adesão aos dois pilares positivistas de replicação e incrementalização). À medida que os ‘espaços problemáticos’ que confrontam o PCS se alteram ao longo do tempo, o projeto é obrigado a se remodelar e a se reorientar – a se desenvolver – para atender às demandas interpretativas e políticas da nova conjuntura (Grossberg, 2010). O PCS estará constantemente se reinventando em resposta às condições institucionais, sociais e/ou históricas que mudam. A última geração do PCS pode não ser essa geração; algo que tem provocado, e certamente continuará a ser ventilado, estimulando debates.

Essa conjuntura intelectual torna o PCS um projeto antirrelativista: relativismo, nesse sentido, é entendido como o acolhimento acrítico de qualquer estudo da cultura física sob o guarda-chuva do PCS, como sendo uma interpretação igualmente válida e/ou confiável como qualquer outra. A adoção de uma postura relativista abriria espaço para acusações de ausência de coerência e credibilidade intelectual. Embora possa ser um projeto aberto e fluido, continuamente ‘em processo’, a qualquer momento e em relação a qualquer projeto específico, o PCS precisa estar sujeito a desafios contínuos, como ao adotar objetos de estudo, métodos, teorias e políticas mais adequados. Tais desafios são, em muitos aspectos, sua ‘força vital’. O desafio estimula o debate (esperamos que não seja contido!), a reflexão, os avanços, os novos movimentos e novos momentos. Desafio, contestação e crítica estão enraizados centralmente no DNA frequentemente alomórfico de um PCS em constante desenvolvimento. Esse antirrelativismo não está enraizado em uma suposição da existência de uma realidade singular e verdadeira, que os/as pesquisadores/as são levados/as a descobrir. Em contrapartida, essa abordagem reconhece uma multiplicidade de alegações verdadeiras; contudo, estabelece, de maneira igual, que algumas afirmações são metodologicamente mais sólidas, teoricamente informadas e politicamente prescientes – interpretativamente mais perspicazes – do que outras, baseadas em critérios fluidos para avaliar o rigor, a relevância e a qualidade da investigação/pesquisa (Amis & Silk (2008), para uma discussão sobre a política de ‘qualidade’). Ao avançar na reivindicação temporal de uma *autoridade de conhecimento*, é importante reconhecer a incompletude e as deficiências do PCS, enquanto (esperançosamente) se demonstra como pesquisadores/as percebem entendimentos mais interpretativos e politicamente perspicazes do que seus antecessores. O PCS não é uma disciplina, mas deve ser disciplinado (autorreflexivamente policiar o rigor e a relevância de sua pesquisa, por meio do estabelecimento de critérios de avaliação, geralmente aceitos, embora dinâmicos). Somente, então, estará em posição de produzir o “[...] melhor conhecimento e compreensão [...]” da cultura física, dentro do contexto em questão; conhecimento e entendimento a serem usados no processo de uma pedagogia pública, na qual tem a “[...] desafiante tarefa de transformar o mundo” (Grossberg, 2010, p. 1) da maneira que for possível. Essa é a intenção desta coletânea, um esforço autoconsciente e autorreflexivo para (re)produzir uma congregação do PCS parcial, política, teórica e prática, relevante e estimulada por nosso momento conjuntural contemporâneo. Isso será desenvolvido, em parte, pelas páginas desse livro, mantendo o texto unido como um todo ou, em determinados capítulos uns com os outros – cada leitor/a utilizará o livro de modo diferente para seus próprios propósitos e provavelmente irá extrair múltiplas e antagônicas formas de usos, de valores e de significados. É um texto que é necessariamente unido pela diferença, pela contestação e pelo debate, e que, talvez, obviamente, é marcado por uma unidade na diferença. Por necessidade, havia uma precisão de/por ordem; em parte, essa ‘ordem’ reflete uma congregação efêmera e em definição, talvez motivada por nossa gênese (nossos diferentes pontos de partida) e certamente é ditada pelas restrições de publicação acadêmica corporativa.

As duas seções de abertura da coletânea fornecem uma ampla visão das complexidades conceituais e empíricas do PCS. Embora parte disso tenha sido abordada em discussões anteriores (Atkinson, 2011; Giardina & Newman, 2011; Silk & Andrews, 2011), os/as colaboradores/as aqui contribuem para problematizar, complicar e estender o entendimento dos fundamentos e limites do PCS. *Fundamentos* (Parte I) compreende seis capítulos que descrevem, de várias maneiras, as dimensões históricas, transdisciplinares, teóricas, autorreflexivas, políticas e orientadas para a práxis do PCS. Os cinco capítulos que envolvem as *Práticas* (Parte II) ilustram a diversidade empírica da cultura física, incorporando discussões de lazer, saúde, movimento, exercício/fitness, dança, estilo de vida e prática esportiva de alto rendimento.



Como sugerimos anteriormente, pelo menos, desde o final dos anos 1980 e o início dos anos 1990, o corpo fisicamente (in)ativo recebeu considerável atenção acadêmica (Gruneau, 1991; Hargreaves, 1987; Harvey & Sparkes, 1991; Loy, 1991; Loy, Andrews & Rinehart, 1993; Theberge, 1991), de modo que o corpo e o processo de corporaificação tornaram-se cada vez mais o “[...] núcleo empírico [...]” do campo da sociologia esportiva (Andrews, 2008, p. 52). É importante reconhecer que essa virada para o corpo em movimento foi embasada por várias disciplinas, mas, de maneira particular, foi fortemente fundamentada pelos estudos feministas que se envolveram reflexivamente na pesquisa como um ato incorporado e escreveram ‘o corpo’ em texto, durante décadas (England, 1994; Fonow & Cook, 1991; Lather, 1986, 2001; McLaren, 2002; Pillow, 2003; Stanley, 1990). Apesar de um interesse renovado em corpos no esporte e em exercício, vários/as estudiosos/as críticos/as da área expressaram preocupação de que a superespecialização e fragmentação do campo progenitor da Cinesiologia está limitando os entendimentos sobre o “[...] corpo em movimento” (Duncan, 2007, p. 56; Andrews, 2008; Booth, 2009; Hargreaves & Vertinsky, 2007; Ingham, 1997; Woodward, 2009). Em parte, como resposta a essas preocupações, a transdisciplinaridade e a fluidez teórica e metodológica do PCS oferecem oportunidades para revigorar e reconceituar os entendimentos do corpo fisicamente (in)ativo.

Neste livro, três seções são dedicadas a imaginar o potencial das abordagens do PCS para entender as formas pelas quais os corpos se tornam organizados, representados e experienciados em relação às operações de poder social. A primeira, *Corpos Subjetivados* (Parte III), apresenta sete capítulos que oferecem exames complexos de corpos em movimento a partir de classe, raça, gênero, sexo e sexualidade, (in)capacidade e idade, bem como as várias maneiras pelas quais os corpos resistem às estruturas sociais existentes. A seção seguinte, *Corpos Institucionalizados* (Parte IV), baseia-se na anterior, e com oito capítulos, revela corpos medicalizados, cientificizados, tecnologizados, espiritualizados, estetizados, saudáveis, midiáticos e mercadorizados, espetacularizados e erotizados, disciplinados e punidos, por meio de um conjunto de contextos globais, nacionais e locais. *Corpos Experienciados* (Parte V), então, consiste em seis capítulos que examinam criticamente várias dimensões do corpo vivido em movimento, incluindo corpos com lesão e dor, com admissão de riscos, invisíveis, móveis, afetivos, prazerosos e grávidos. Certamente, existem muitas interseções nas três seções dedicadas ao corpo em movimento e também em outras partes da coletânea. Nós encorajamos os/as leitores/as a aceitarem o desafio de ‘reimaginar’ novas conexões para entender (e intervir) nos caminhos pelos quais o poder opera sobre, nos corpos em movimento e através de disciplinas, espaços, contextos e locais.

Como sugerido, ao longo dos capítulos constituintes desta obra, o campo da cultura física é empiricamente diversificado, agregando uma série de práticas corporificadas. No entanto, como ilustram os seis capítulos de *Contextos e Locais de Práticas Corporificadas* (Parte VII), as práticas culturais físicas também se manifestam por meio da ampla extensão de dimensões empíricas. Assim, os focos desses capítulos abrangem discursos de saúde, passando por práticas pedagógicas até culturas comunitárias e digitais, políticas nacionais e internacionais. Nossos corpos, nossas práticas físicas são certamente inerentes ao espaço; eles são inseparáveis e servem para constituir (e são constituídos por) diversos espaços em que habitam. Focando as relações entre poder, privilégio e relações socioespaciais, os capítulos da seção *Espaços* (Parte VI) abordam a constituição mútua de corpos e espaços em uma variedade de unidades escalares diferentes. Como tal, os capítulos se concentram em repensar os principais conceitos geográficos de natureza/paisagens por meio do corpo; o importante e ativo papel desempenhado por não-humanos no meio ambiente para compreensão da cultura física; a “lógica” neoliberal das academias de ginástica para colocar os corpos em atividade; as mobilidades de imigrantes entre espaços; os espaços afetivos, materiais e públicos gerados por meio de exercícios, esportes e atividades físicas; as formas pelas quais os locais fechados e funcionais, a arquitetura e as tecnologias espaciais organizam, pesquisam e monitoram os corpos nos espaços ‘saudáveis’; e os legados e as relações entre modernização urbana material e discursiva, espetáculo esportivo, mobilidade e espaços seguros.

Dado nosso entendimento do PCS como uma congregação intelectual orgânica e difusa, formada em resposta à escala empírica específica e ao objeto de estudo, os métodos utilizados pelos/as pesquisadores/as são correspondentemente diversos. Como resultado, *Contingências Metodológicas* (Parte VIII) compreende oito capítulos que explicam perspectivas variadas para identificar e engajar empiricamente a cultura física, incluindo abordagens autoetnográficas e narrativas, fictícias e performativas, contextuais, etnográficas, textuais, discursivas, visuais e sensoriais, e digitais. Donnelly e Atkinson (2015) questionam se o estudo crítico do esporte e da atividade física acomodou-se em seus louros intelectuais, ao mesmo tempo em que se engajou muito infreqüentemente em rituais de práxis transformadoras articuladas e desobrigadas – uma crítica que talvez tenha sido corretamente direcionada ao PCS em suas formas emergentes (consulte o Capítulo 6 de Silk

e Mayoh deste livro sobre 'Práxis' para uma discussão mais completa). Dado nosso entendimento do PCS como um projeto político comprometido com o avanço das formações sociais em que está localizado, e um projeto pedagógico que pode impactar as comunidades de aprendizagem (na Academia, na sala de aula e em públicos mais amplos), nós estávamos interessados em aprofundar o debate sobre onde e como o PCS poderia capacitar (e tem capacitado) indivíduos e grupos para discernirem, desafiarem e, potencialmente, transformarem estruturas e relações de poder existentes. Como tal, e em parte influenciado por Vertinsky (2015), que oferece um alerta convincente sobre como encontrar o 'equilíbrio' entre desejo político, complexidade, concretude e base intelectual do campo, a seção *Política e Práxis* (Parte IX) abrange cinco capítulos que abordam as possibilidades de PCS e suas relações com a mudança social e a publicidade; o lugar importante da sala de aula e do currículo; as múltiplas relações complexas entre esporte, desenvolvimento e mudança social; as oportunidades transformadoras de reunir dois colegas improváveis em PCS e a responsabilidade social corporativa; e as complexidades inerentes ao avanço das bases empíricas e metafísicas do PCS referente às reflexividades metodológicas, às políticas carnais e às práticas corporificadas.

## Referências

- Adair, D. (1998). Conformity, diversity and difference in antipodean physical culture: the indelible influence of immigration, ethnicity and race during the formative years of organized sport in Australia, c. 1778-1918. *Journal of Immigrants and Minorities*, 17(1), 14-48.  
DOI: <https://doi.org/10.1080/02619288.1998.9974927>
- Adams, M. L., Davidson, J., Helstein, M. T., Jamieson, K. M., Kim, K. Y., King, S., ... Rail, G. (2016). Feminist cultural studies: uncertainties and possibilities. *Sociology of Sport Journal*, 33(1), 75-91.  
DOI: <https://doi.org/10.1123/ssj.2014-0060>
- Amis, J., & Silk, M. (2008). The philosophy and politics of quality in qualitative organizational research. *Organizational Research Methods*, 11(3), 456-480. DOI: <https://doi.org/10.1177/1094428107300341>
- Andrews, D. L. (2006). *Sport-commerce-culture: essays on sport in late capitalist America*. New York, NY: Peter Lang.
- Andrews, D. L. (2008). Kinesiology's inconvenient truth: the physical cultural studies imperative. *Quest*, 60(1), 46-63. DOI: <https://doi.org/10.1080/00336297.2008.10483568>
- Andrews, D. L., & Silk, M. L. (2016). Physical cultural studies on sport. In R. Giulianotti (Ed.), *Routledge handbook of the sociology of sport* (p. 83-93). London, UK: Routledge.
- Andrews, D. L., Silk, M. L., Francombe, J., & Bush, A. (2013). McKinesiology. *Review of Education, Pedagogy, and Cultural Studies*, 35(5), 1-22. DOI: <https://doi.org/10.1080/10714413.2013.842867>
- Atkinson, M. (2010). Entering scapeland: yoga, fell and post-sport physical cultures. *Sport in Society: Cultures, Commerce, Media, Politics*, 13(7-8), 1249-1267.  
DOI: <https://doi.org/10.1080/17430431003780260>
- Atkinson, M. (2011). Physical cultural studies [Redux]. *Sociology of Sport Journal*, 28(1), 135-144.  
DOI: <https://doi.org/10.1123/ssj.28.1.135>
- Barratt, P. (2012). 'My magic cam': a more-than-representational account of the climbing assemblage. *Area*, 44(1), 46-53. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1475-4762.2011.01069>
- Berlant, L. (1991). *The anatomy of national fantasy: hawthorne, utopia, and everyday life*. Chicago, IL: University of Chicago Press.
- Booth, D. (2009). Politics and pleasure: the philosophy of physical education revisited. *Quest*, 61(2), 133-153. DOI: <https://doi.org/10.1080/00336297.2009.10483607>
- Bordo, S. (1993). *Unbearable weight: feminism, western culture, and the body*. Berkeley, CA: University of California Press.
- Brabazon, T., McRae, L., & Redhead, S. (2015). The Pushbike Song: Rolling Physical Cultural Studies through the Landscape. *Human Geographies: Journal of Studies and Research in Human Geography*, 9(2), 184-206. DOI: <https://doi.org/10.5719/hgeo.2015.92.5>
- Butler, J. (1993). *Bodies that matter: on the discursive limits of 'sex'*. New York, NY: Routledge.
- Cook, S., Shaw, J., & Simpson, P. (2015). Jography: exploring meanings, experiences and spatialities of recreational road-running. *Mobilities*, 11(5), 1-26. DOI: <https://doi.org/10.1080/17450101.2015.1034455>

- Donnelly, P. (1996). Prolympism: sport monoculture as crisis and opportunity. *Quest*, 48(1), 25-42.  
DOI: <https://doi.org/10.1080/00336297.1996.10484176>
- Donnelly, P., & Atkinson, M. (2015). Where history meets biography: toward a public sociology of sport. In R. Field (Ed.), *Playing for change: the continuing struggle for sport and recreation* (p. 363-388). Toronto, CA: University of Toronto Press.
- Duncan, M. C. (2007). Bodies in motion: the sociology of physical activity. *Quest*, 59(1), 55-66.  
DOI: <https://doi.org/10.1080/00336297.2007.10483536>
- England, K. V. L. (1994). Getting personal: reflexivity, positionality, and feminist research. *The Professional Geographer*, 46(1), 80-89. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.0033-0124.1994.00080.x>
- Field, R. (Ed.), (2015). *Playing for change: the continuing struggle for sport and recreation*. Toronto, CA: University of Toronto Press.
- Fonow, M. M., & Cook, J. A. (Eds.), (1991). *Beyond methodology: feminist scholarship as lived research*. Bloomington, IN: Indiana University Press.
- Freire, P. (2000). *Pedagogy of the oppressed*. New York, NY: Continuum.
- Giardina, M. D., & Newman, J. I. (2011). What is this 'physical' in physical cultural studies? *Sociology of Sport Journal*, 28(1), 36-63. DOI: <https://doi.org/10.1123/ssj.28.1.36>
- Grossberg, L. (1997). Cultural studies: what's in a name? (one more time). In L. Grossberg (Ed.), *Bringing it all back home: essays on cultural studies* (p. 245-271). Durham, NC: Duke University Press.
- Grossberg, L. (2010). *Cultural studies in the future tense*. Durham, NC: Duke University Press.
- Grosz, E. (1994). *Volatile bodies: toward a corporeal feminism*. Bloomington, IN: Indiana University Press.
- Gruneau, R. S. (1991). Sport and 'esprit de corps': notes on power, culture and the politics of the body. In F. Landry, M. Landry, & M. Yerles (Eds.), *Sport ... the third millennium* (p. 169-185). Les Sainte-Foy, FR: Presses de L'Universite Laval.
- Hall, S. (1992). The question of cultural identity. In S. Hall, D. Held, & T. McGrew (Eds.), *Modernity and its futures* (p. 273-326). Cambridge, MA: Polity Press.
- Haraway, D. J. (1991). *Simians, cyborgs, and women: the reinvention of nature*. New York, NY: Routledge.
- Hargreaves, J. (1987). The body, sport and power relations. In J. Horne, D. Jary, & A. Tom-Linson (Eds.), *Sport, Leisure and Social Relations* (p. 139-159). London, UK: Routledge and Kegan Paul.
- Hargreaves, J., & Vertinsky, P. (2007). *Physical culture, power, and the body*. London, UK: Routledge.
- Harris, J. C. (2006). Sociology of sport: expanding horizons in the subdiscipline. *Quest*, 58(1), 71-91.  
DOI: <https://doi.org/10.1080/00336297.2006.10491873>
- Harvey, J., & Sparks, R. (1991). The politics of the body in the context of modernity. *Quest*, 43(2), 164-189.  
DOI: <https://doi.org/10.1080/00336297.1991.10484020>
- Hill, A. (2016). SlutWalk as perifeminist response to rape logic: the politics of reclaiming a name. *Communication and Critical/Cultural Studies*, 13(1), 23-39.  
DOI: <https://doi.org/10.1080/14791420.2015.1091940>
- Hughson, J. (2008). Ethnography and 'Physical Culture'. *Ethnography*, 9(4), 421-428.  
DOI: <https://doi.org/10.1177/1466138108096984>
- Ingham, A. G. (1997). Toward a department of physical cultural studies and an end to tribal warfare. In J. Fernandez-Balboa (Ed.), *Critical postmoderism in human movement, physical education, and sport* (p. 157-182). Albany, NY: State University of New York Press.
- Kirk, D. (1999). Physical culture, physical education and relational analysis. *Sport, Education and Society*, 4(1), 63-73. DOI: <https://doi.org/10.1080/1357332990040105>
- Lather, P. (1986). Research as praxis. *Harvard Educational Review*, 56(3), 257-278.  
DOI: <https://doi.org/10.17763/haer.56.3.bj2h231877069482>
- Lather, P. (2001). Postbook: working the ruins of feminist ethnography. *Signs*, 27(1), 199-227.  
DOI: <https://doi.org/10.1086/495677>
- Loy, J. W. (1991). Introduction – missing in action: the case of the absent body. *Quest*, 43(2), 119-122.  
DOI: <https://doi.org/10.1080/00336297.1991.10484016>
- Loy, J. W., Andrews, D., & Rinehart, R. E. (1993). The body in culture and sport. *Sport Science Review*, 2(1), 69-91.

- Macedo, D. (2000). Introduction to the anniversary edition. In P. Freire. *Pedagogy of the oppressed* (p. 11-28). New York, NY: Continuum.
- Marcus, G. E., & Saka, E. (2006). Assemblage. *Theory, Culture and Society*, 23(2-3), 101-106. DOI: <https://doi.org/10.1177/0263276406062573>
- McLaren, P. (2002). George Bush, apocalypse sometime soon, and the american imperium. *Cultural Studies* ↔ *Critical Methodologies*, 3(2), 327-333. DOI: <https://doi.org/10.1177/153270860200200302>
- McDonald, I. (1999). 'Physiological patriots'?: The politics of physical culture and Hindu nationalism in India. *International Review for the Sociology of Sport*, 34(4), 343-358. DOI: <https://doi.org/10.1177/101269099034004003>
- Pavlidis, A., & Olive, R. (2014). On the track/in the bleachers: authenticity and feminist ethnographic research in sport and physical cultural studies. *Sport in Society*, 17(2), 218-232. DOI: <https://doi.org/10.1080/17430437.2013.828703>
- Phoenix, C., & Smith, B. (2011). *The world of physical culture in sport and exercise: visual methods for qualitative research*. London, UK: Routledge.
- Pillow, W. S. (2003). Confession, catharsis, or cure? Rethinking the uses of reflexivity as a methodological power in qualitative research. *International Journal of Qualitative Studies in Education*, 16(2), 175-196. DOI: <https://doi.org/10.1080/0951839032000060635>
- Powers, D., & Greenwell, D. (2017). Branded fitness: exercise and promotional culture. *Journal of Consumer Culture*. 17(3). DOI: <https://doi.org/10.1177/1469540515623606>
- Pronger, B. (1998). Post-sport: transgressing boundaries in physical culture. In G. Rail, & J. Harvey (Eds.), *Sport and postmodern times: culture, gender, sexuality, the body and sport* (p. 277-299). Albany, NY: SUNY Press.
- Qvistrom, M. (2013). Landscapes with a heartbeat: tracing a portable landscape for jogging in Sweden (1958-1971). *Environment and Planning A*, 45(2), 312-328. DOI: <https://doi.org/10.1068/a4553>
- Silk, M. L., & Andrews, D. L. (2011). Toward a physical cultural studies. *Sociology of Sport Journal*, 28(1), 4-35. DOI: <https://doi.org/10.1123/ssj.28.1.4>
- Silk, M. L., Andrews, D. L., & Thorpe, H. (Eds.), (2017). *Routledge handbook of Physical Cultural Studies*. Londres, UK: Routledge.
- Silk, M. L., Francombe, J., & Andrews, D. L. (2013). Slowing the social sciences of sport: on the possibilities of physical culture. *Sport in Society*, 17(10), 1-24. DOI: <https://doi.org/10.1080/17430437.2014.849649>
- Stanley, L. (1990). *Feminist praxis: research, theory and epistemology in feminist sociology*. London, UK: Routledge.
- Theberge, N. (1991). Reflections on the body in the sociology of sport. *Quest*, 42(2), 123-134. DOI: <https://doi.org/10.1080/00336297.1991.10484017>
- Thorpe, H. (2011). Body politics, social change, and the future of physical cultural studies. In H. Thorpe. *Snowboarding Bodies in Theory and Practice* (p. 248-269). New York, NY: Palgrave Macmillan.
- Thorpe, H., Barbour, K., & Bruce, T. (2011). Wandering and wondering: theory and representation in feminist physical cultural studies. *Sociology of Sport Journal*, 28(1), 106-134. DOI: <https://doi.org/10.1123/ssj.28.1.106>
- Vertinsky, P. (2015). Shadow disciplines, or a place for post-disciplinary liaisons in the North American Research University: what are we to do with physical cultural studies? In R. Field (Ed.), *Playing for change: the continuing struggle for sport and recreation* (p. 389-406). Toronto, CA: University of Toronto Press.
- Woodward, K. (2009). *Body matters. Embodied sporting practices: regulating and regulatory bodies*. New York, NY: Palgrave Macmillan.
- Worthen, M. G. F., & Baker, S. A. (2016). Pushing up on the glass ceiling of female muscularity: women's bodybuilding as edgework. *Deviant Behavior*, 37(5), 471-495. DOI: <https://doi.org/10.1080/01639625.2015.1060741>

## INFORMAÇÕES SOBRE OS AUTORES

**Vitor Hugo Marani:** Doutor em Educação Física pela Universidade Estadual de Maringá (2021). Foi bolsista do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE/CAPES) na Universidade de Maryland (EUA), sob a supervisão do Prof. Dr. David L. Andrews. É docente na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) e no Programa de Pós-Graduação em Educação Física (PPGEF-UFMT), bem como integrante do Grupo de Pesquisa Corpo, Cultura e Ludicidade (GPCCL).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0972-5043>

E-mail: [vitor.marani@ufmt.br](mailto:vitor.marani@ufmt.br)

**Ariane Boaventura da Silva Sá:** Doutoranda em Educação Física pelo Programa de Pós-Graduação Associado em Educação Física UEM/UEL. É bolsista do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE/CAPES), na Universidade de Maryland (EUA), na linha de Estudos Culturais Físicos (*Physical Cultural Studies*). Integrante do Grupo de Pesquisa Corpo, Cultura e Ludicidade (GPCCL).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3307-7832>

E-mail: [ariane.boaventura@hotmail.com](mailto:ariane.boaventura@hotmail.com)

**Larissa Michelle Lara:** Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (2004). Realizou Pós-doutorado (2017) na Universidade de Bath, Reino Unido (Bolsista CAPES). É docente na Universidade Estadual de Maringá (UEM) e no Programa de Pós-Graduação Associado em Educação Física UEM-UEL. É líder do Grupo de Pesquisa Corpo, Cultura e Ludicidade (GPCCL).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9210-6360>

E-mail: [laramlara@hotmail.com](mailto:laramlara@hotmail.com)

### Nota:

Os autores foram responsáveis pela leitura do manuscrito original em língua inglesa, pela tradução do texto para a língua portuguesa, pelo contato com os organizadores/a, pela escrita e revisão da versão final publicada.